



Duas personagens e o confronto do eu com o outro



Nilza de Campos Becker



RESUMO

A contística de Machado de Assis, assim como a de Edgard Allan Poe, apresentam muitos pontos convergentes, no que tange à organização estrutural e à exploração de temas. Neste trabalho, é estabelecido um paralelo entre os contos “O Espelho”, do escritor brasileiro, e “William Wilson”, do americano, visto que ambos os autores partem da mesma temática: a presença do espelho e a do duplo. Verificaremos de que forma a constatação do sinal de alteridade e a instauração de uma outra voz interferem na construção das personagens. Procuraremos também decifrar o que se acha camuflado sob o signo do espelho. O mito do duplo, revisitado nos dois contos, além de levantar questões identitárias, tais como a fragmentação do eu, o confronto do eu com o outro, ratifica a confluência da obra de Machado de Assis com a de Edgard Allan Poe.



ABSTRACT

The tales of Machado de Assis, as well as those of Edgard Allan Poe, present many convergent points, concerning the structural organization and the subject exploration. In this article, it is established a parallel between the tales "The Mirror", from the Brazilian writer and "William Wilson" from the American, because both authors depart from the same subject: the mirror and the double presence. It will be verified how the evidence of the alterity sign and the establishment of another voice interfere in the characters' composition. It will be deciphered what is camouflaged under the mirror's sign. The myth of the double revisited in both tales, besides presenting identity questions, as the self fragmentation, the confrontation between the self and the other, it confirms the confluence of Machado de Assis' work with that of Edgard Allan Poe.



PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis; Edgard Allan Poe; Alteridade; Duplo; Espelho



KEY WORDS

Machado de Assis; Edgard Allan Poe; Alterity; Double; Mirror



O “espelho” e o “duplo” têm sido temas recorrentes em várias pesquisas de cunho literário, sociológico, antropológico ou mesmo psicológico, e já se constituíram no foco de muitos trabalhos, envolvendo a obra de Machado de Assis, Edgar Allan Poe, Guimarães Rosa, Borges, Saramago, entre outros.

O espelho constitui um marco nos dois contos, visto ser o elemento desencadeador de uma crise de identidade nos protagonistas que, ao se colocarem diante dele, numa situação conflitante, são tomados por uma inquietante sensação de estranhamento. Mediante esse fato, levantamos a seguinte questão: até que ponto é possível estabelecer um diálogo entre os dois contos – **O espelho** e **William Wilson** – a partir da emergência do duplo e do confronto do eu com o outro?

O conto **O espelho** relata a história da personagem Jacobina que, num encontro com outros companheiros, em uma pequena casa distante, discute problemas metafísicos. Ele afirma ter o homem duas almas, uma interior e outra exterior. Coagido pelos outros presentes, narra uma experiência pessoal, vivida aos vinte e cinco anos, quando chegou a presenciar, diante do espelho, o apagamento de sua alma interior e posteriormente, sua experiência com o duplo, configurando, por essa razão, uma crise de identidade. Esse conto tem como subtítulo *Esboço de uma nova teoria da alma humana*; as noções de “alma interior” e “alma exterior”, expostas pelo protagonista, serão objeto de análise nesse trabalho.

Na outra narrativa – **William Wilson** – cujo protagonista dá título ao conto, o narrador relata sua própria história, ou seja, sua desventura, envolvendo a figura do duplo que o assedia desde a infância, num velho colégio, em que ambos estudavam. O outro, que surge em sua vida, procura persuadi-lo a desviar-se dos vícios; suas aparições tornam-se mais freqüentes, levando o protagonista, num momento de crise, a atitudes extremas e ao comprometimento de sua alteridade.

Os principais conceitos que norteiam esse artigo referem-se ao gênero conto, no que diz respeito às noções de tensão e esfericidade, expressas por Cortázar (2004). Quanto ao duplo, realizamos a análise dos contos à luz das idéias sobre a cisão do

uno, expostas em **O Banquete**, de Platão (2002) e dos conceitos emitidos por Bravo(1997), no **Dicionário de Mitos Literários**, de Pierre Brunel. Lançaremos mão das idéias de Bakhtin e de Todorov, para melhor fundamentarmos nosso trabalho.

CONFLUÊNCIAS DE MACHADO DE ASSIS COM EDGARD ALLAN POE

Cunha (1998), em **Machado de Assis, um escritor na capital dos trópicos**, levanta a questão da confluência e alteridade em Poe e Machado. A autora (1998, p. 79-80) declara que o duplo permeia toda a produção de Machado de Assis, referente ao gênero conto. Cunha defende a idéia de “confluência” da obra de Machado de Assis com a de Edgard Allan Poe, e demonstra, consoante um detalhado estudo, a presença de citações referentes à obra de Poe, nos textos machadianos. A autora assinala que no conto **Uma Excursão Milagrosa**, datado de 1866, surge, na introdução, a primeira das referências nominais a Poe. Machado de Assis faz alusão, nesse conto, às “histórias extraordinárias de Poe”, fato que sugere sua leitura das traduções que Baudelaire fizera dos contos de Edgard A. Poe. No mesmo conto, o narrador, ao discorrer sobre histórias de viagens, afirma que “viajar é multiplicar-se”. A personagem William Wilson realiza uma viagem interior nos labirintos de sua mente, atravessando longas distâncias, no tempo e no espaço, e se depara perplexo, num dado momento, com o outro eu.

Além das citações, outro fato que comprova ser Machado de Assis conhecedor da obra de Poe, é sua tradução de “O Corvo”, desse mesmo autor, incluída em seu livro de poesias intitulado **Ocidentais** e incorporada posteriormente às **Poesias Completas**.

Segundo Cunha (1998), a dubiedade na contística machadiana tem raízes mais profundas, relacionando-se com a posição de Machado de Assis no panorama da literatura brasileira de sua época. Avesso ao projeto de uma literatura romântica, de cunho

ingênuo, moralista, em vigor na ocasião, Machado de Assis propõe um fazer literário que deixa entrever sutilmente, nas entrelinhas do texto, a percepção de uma sociedade em processo de formação, ainda vinculada às influências europeizantes, mas em busca de uma identidade.

O motivo do duplo, na contística de Machado de Assis, desponta logo no início, quando o escritor publica seus primeiros contos. No seu segundo conto, publicado em 1862, intitulado **O País das Quimeras** e cujo subtítulo é **Conto fantástico**, o poeta Tito, o protagonista, revela-se como uma personagem dúbia e contraditória.

O duplo é também uma temática constante, na obra de Edgar Allan Poe, como podemos verificar no conto **Willian Wilson**. O autor aplica a “regra binária” na construção das personagens: virtude e vício, atração e repulsa, que constituem exemplos do aspecto dual, presente nesse conto.

Portanto, Machado de Assis já tinha tido contato com a obra de Edgar Allan Poe ao escrever seus contos, revelando, veladamente, as fontes que o auxiliariam a compor a temática de sua contística. Dessas fontes, ele extraía material para elaboração de sua obra, procedendo a um trabalho de recriação e transformação, imprimindo-lhe desta forma, uma identidade própria.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O DUPLO

Para Cirlot (1984, p. 217), a idéia de duplicação diz respeito ao sistema binário, “à dualidade, à contraposição e ao equilíbrio ativo de forças”. O dualismo, por sua vez, compreende a oposição de contrários, dois princípios em luta. A frase de Nerval (apud CIRLOT, 1984, p. 216) “O homem é duplo”, encerra a idéia de desdobramento, pois, para Nerval a identidade era uma dualidade, sujeita a “indefinidas ressonâncias e disfarces”.

O mito do duplo tem suas origens em tempos imemoriais. Segundo Eliade (2006, p. 11-12), “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”. Por ter um caráter sagrado é, portanto, considerada “uma ‘história verdadeira’, porque sempre se refere a *realidades*. O mito cosmogônico é ‘verdadeiro’ porque a existência do mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente ‘verdadeiro’ porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante”.

No Gênesis, o homem inicialmente é uno; a cisão em dois resulta num enfraquecimento. Platão, em **O Banquete** (2002, p.120-122), revive esse mito, ao abordar a questão da divisão do andrógino em homem e mulher, efetuada por Zeus.

Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus:

Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas [...] desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada querer fazer longe um do outro.

No **Dicionário de Mitos Literários**, Bravo (1997, p. 262)) discute essa questão e explica que “o homem desdobrado, a mulher desdobrada ou o andrógino representavam a união primitiva, o estado de perfeição a que os homens põem fim quando ameaçam os deuses: a bipartição é o castigo infligido pelos deuses”.

O mito do duplo passou por transformações ao longo dos séculos. No período Renascentista, harmonia e ordem eram os ideais que regiam a arte clássica. Segundo Aguiar e Silva (2002, p. 466), o Renascimento exprime uma nova concepção de homem, exaltando sua dignidade, beleza, estilizando sua figura heróica e sublime.

A crise do Renascimento gera uma crise do humanismo, expressando, por conseguinte, uma concepção pessimista do homem e da vida. Afirma Aguiar e Silva (2002, p. 468-469) que:

O regnum hominis, a dignitas hominis do classicismo renascentista fundavam-se na crença de que não existia conflito entre a ordem divina e a ordem humana, entre a alma e o corpo, entre a razão e a natureza, entre a fé e a razão; a Reforma, luterana e calvinista, o maquiavelismo e o maneirismo corroem os fundamentos dessa crença, apresentando o homem como um ser miserável e radicalmente corrupto, [...] defendendo a existência de uma dupla moral; opondo o corpo ao espírito, acentuando dramaticamente a insegurança e a efemeridade da vida, descobrindo em tudo, no universo e no homem, a incoerência, o conflito, a contradição.

As obras de William Shakespeare (1564-1616) e de Miguel de Cervantes (1547-1616), por suas construções simbólicas, representam uma abertura para a interioridade do ser.

A concepção do duplo está ligada à posição do homem em relação à natureza. As religiões monoteístas afirmam ser o homem feito à imagem de Deus. A revolução científica do século XVII provoca uma ruptura, uma nova postura diante do mundo, face à substituição da teoria geocêntrica pela heliocêntrica, que além de retirar a Terra como centro do universo, demole uma construção estética que ordenava os espaços e estabelecia a distinção entre “o mundo superior dos Céus” e o “mundo inferior e corruptível da Terra”. A descentralização do cosmos leva à geometrização do espaço, que deixa de ser sagrado, promovendo assim, a secularização da consciência. Descartes instaura a dúvida: “Cogito, ergo sum”, no qual reside o ponto de partida de seu pensamento, acentuando “o caráter absoluto e universal da razão”, cuja consequência “é o dualismo psicofísico (ou dicotomia corpo-consciência), segundo o qual o homem é um ser duplo” (ARANHA; MARTINS, 1986, p. 168). Ocorre, então, o surgimento de um novo homem, que passa a questionar, a duvidar e a se colocar no centro dos interesses e decisões.

A busca da identidade, ou seja, do eu autêntico pelo herói, é retratada, segundo Bravo (1997, p. 272), por E.T.A. Hoffman (1776-1822) em **O homem da Areia**. É no século XIX, em pleno romantismo, que o mito do duplo, na literatura, atinge seu apogeu. Na Alemanha, chamam-no Döppelgänger, “o duplo de antiga tradição, o inconcebível e abominável Outro-igual-ao-Mesmo”. (KIEFER, 1995, p. 35). O termo Döppelgänger originou-se com Jean-Paul Richter, em 1796, para designar o duplo como um “segundo eu”, ou mesmo “as pessoas que se vêem a si mesmas”.

O duplo moderno, em Edgard Allan Poe e em Machado de Assis, assume configurações diferentes, como veremos a seguir.

O ESPELHO E O CONFRONTO DO EU COM O OUTRO

A imagem especular assume proporções tamanhas nos contos **O espelho** e **William Wilson**, uma vez que seus protagonistas, ao se colocarem diante do espelho, numa situação limiar, passam por uma crise de identidade que os leva a um questionamento sobre a alma humana.

O confronto do eu com o outro relaciona-se, nos dois contos, com a presença do espelho, símbolo da duplicidade do eu, uma vez que esse elemento desencadeia a emergência do outro, contido no âmago das personagens.

O espelho concretiza a idéia do duplo; o outro, reproduzido segundo a ótica de quem se mira no espelho, pode ser transmutado pelo olhar de quem se observa, o que vai gerar uma imagem subjetiva, moldada consoante sua percepção, provocando muitas vezes um desconforto, pois a imagem refletida nem sempre corresponde à expectativa daquele que se olha no espelho. Outro fato a ser considerado é que, diante do espelho, muitas vezes nos vemos com o olhar alheio.

Em relação a Jacobina, o outro passa a se constituir a partir do

olhar alheio, do qual ele necessita, para se sentir uno. Faraco, (2005, p. 43), ao refletir sobre as idéias de Bakhtin a respeito da alteridade, afirma:

[...] quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro.

Essas reflexões todas têm, como pano de fundo, o pressuposto bakhtiniano forte do primado da alteridade, no sentido de que tenho de passar pela consciência do outro para me constituir.

O espelho, embora seja um objeto real, concreto, tangível, joga com a questão do duplo por ser suscetível à criação de diferentes realidades. É o olhar das personagens em relação a seu duplo que vai determinar a natureza do relacionamento com o outro contido em si mesmas. A imagem reproduzida e processada na mente daquele que se coloca diante do espelho, poderá exercer um poder de atração ou repulsa.

Nos dois contos analisados, seus autores constroem uma metáfora relativa ao espelho, pela relação de semelhança entre o original e a cópia, isto é, entre aquele que se coloca diante do espelho e a imagem por ele refletida que, no entanto, vem a se constituir um outro, muitas vezes estranho a si mesmo.

Outra figura de retórica explorada em ambos os textos é a metonímia, pela presença do duplo, que nada mais é do que uma parte do todo, que nos contos analisados, num dado momento, emerge da própria natureza da personagem, e toma tamanha dimensão, sobrepondo-se, no caso do alferes, ao outro eu, impedindo-o de se manifestar. Em **William Wilson**, essa parte do indivíduo torna-se conflitante e passa a representar um perigo para a sobrevivência do todo. O episódio do espelho, nos dois contos é, portanto, o marco divisório que deixa nítida a fragmentação das personagens.

O espelho é um dos contos da obra **Papéis Avulsos**, publicado na Gazeta de Notícias, em 1882, e cujo título remete à idéia de fragmentação. Nesse conto, o aspecto binário, característico do duplo, subjaz em seu título, pois o espelho possibilita a duplicação de uma imagem. O subtítulo do conto, *Esboço de uma nova teoria da alma humana*, traz em si embutida a idéia de duplicidade, posto que essa teoria defende a existência de duas almas: uma interior e outra exterior. Numa passagem do conto, Jacobina, ao explanar o conceito da alma humana, faz uma referência ao duplo e assim se pronuncia:

[...] o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, meta-fisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira (ASSIS, 1955, p. 259).

Nessa passagem, o narrador nos faz remeter às origens do duplo. A teoria de Jacobina referente às almas contém a idéia da unidade cindida, cujo desmembramento torna o homem mais fraco; entretanto, o equilíbrio entre as partes é vital para a sobrevivência do indivíduo.

Jacobina, ao se colocar diante do espelho, não se reconhece sem sua farda. Longe daqueles que o admiravam e isento do olhar de aprovação do outro, sente-se nu diante do espelho, despojado de seu verdadeiro eu, consumido pelo alferes. “O alferes eliminou o homem” (ASSIS, 1955, p. 263), afirma o narrador.

O conto **O espelho** tem como fulcro a ambivalência do homem entre o ser e o parecer. A alma exterior, isto é, a máscara, da qual nos fala Bosi (2003), surge a princípio como um subterfúgio. Aos poucos assume proporções tamanhas, abafando a alma interior, ou seja, a essência da individualidade, levando o protagonista a uma crise de identidade. Jacobina acha uma forma de sobreviver, adequando-se a uma farsa: a absorção completa da “alferidade”, que constitui a sua circunstância, e o ajuda a preservar sua alteridade.

O conto **William Wilson** revela o homem em confronto com sua consciência, rebelando-se contra qualquer forma de moralismo ou dominação, e que preza, sobretudo, a liberdade de pensar e agir segundo sua vontade, sem interferências alheias. Essa personagem, ao se ver no espelho, é tomada por uma indizível sensação de pavor, e reconhece, num primeiro momento, sua imagem ensangüentada, cambaleante, caminhando em sua própria direção. Nessa passagem, Poe joga com a questão da identidade, ao fazer o narrador reconhecer seu engano, pois, para ele, quem ali se encontrava mortalmente ferido, era seu adversário, que parecia ser ele, mas não era. Com esse desfecho, Poe não nos dá uma idéia acabada da história, sugerindo, nas entrelinhas do texto, que o duplo poderia representar a consciência do protagonista, por ele mesmo eliminada, inviabilizando, portanto, a possibilidade da alteridade.

Jacobina, num momento de crise, vê sua imagem apagada, diante do espelho. A diluição dos contornos, técnica inovadora, usada pelos pintores impressionistas, invade o texto literário e caracteriza a personagem Jacobina, que mal consegue identificar sua própria imagem imprecisa e fragmentada. O narrador, ao descrever a personagem, não se limita a definir suas características físicas, atribui-lhe também um estado de alma, caracterizado ao mesmo tempo pela perplexidade, terror e vacuidade.

Há, nos dois autores, uma preocupação em captar a variedade dos estados mentais de suas personagens, como se pudessem pintar, de forma imprecisa, à maneira dos impressionistas, a oscilação desses estados.

A escrita de Machado de Assis, com seu alto teor sugestivo, sua pintura diluída dos caracteres das personagens, sempre relativizados, guarda, segundo Cunha (1998, p. 104), uma visão “impressionista” da realidade.

Os impressionistas buscavam fixar as impressões do momento, num cenário em que luz e cor sofriam mudanças. O aspecto das coisas mudaria segundo o ângulo de percepção do observador. Sendo assim, as impressões captadas a partir da realidade, seriam passíveis de mudanças.

Essas noções nos auxiliam a entender melhor a impressão dúbida de Jacobina ao se observar no espelho. O mesmo ocorre com William Wilson, que após ter desferido golpes de espada em seu sócia, volta-se para o outro ângulo da sala e percebe uma mudança na disposição dos móveis. Só então nota a presença de um espelho que, segundo ele, não se encontrava lá alguns minutos antes.

A atmosfera impressionista dessas duas passagens revela a dubiedade das sensações dos protagonistas, cujas impressões pessoais são responsáveis pela imagem que cada qual tem de si diante do espelho.

Cadermatori (2003, p. 58) tece alguns comentários a respeito do Impressionismo como estilo literário. Afirma a autora ser o impressionismo “uma arte cidadina”, pois o “impressionista vê o mundo com olhos de homem urbano”.

O universo urbano é o pano de fundo dos romances e contos de Machado; é na cidade em que os dramas de suas personagens eclodem, muitas vezes em razão de questões peculiares, ligadas à urbanidade. A crise de Jacobina surge em função da adaptação do indivíduo a novas situações provocadas por sua ascensão social no meio urbano, com sua nomeação como Alferes da Guarda Nacional, muito embora sua crise tenha irrompido quando se achava só, no sítio de sua tia Marcolina. É desta forma que se processa a metamorfose de Jacobina, ao permitir que a máscara do alferes invada sua individualidade e dela se apodere.

Assim, Machado de Assis questiona o espaço da cidade, palco de prazeres e desventuras, onde suas personagens vivem muitas vezes, em meio à multidão, a amarga experiência da solidão.

Muricy (1988, p. 120), ao discutir a técnica da fragmentação da narrativa em Machado de Assis, afirma que as personagens machadianas, ao vivenciarem sua experiência moderna da vida urbana e da multidão, na sociedade brasileira do século XIX, “quebram sua individualidade na experiência dispersiva do moderno que a nova sociabilidade proporciona”. Inserida nesse ambiente urbano, a personagem precisa se ajustar às novas situações apresentadas, que exigem muitas vezes a reestruturação

de sua individualidade.

É também na grande cidade, fria e impessoal, com suas facilidades e seduções, que ocorre a queda moral definitiva de William Wilson.

A aura de mistério criada pelos dois autores em seus contos cria uma ambiência de indefinições, em que tudo se torna possível. A palavra, para eles, é carregada de sugestividade, e se abre a múltiplos sentidos, levando o leitor a preencher as lacunas deixadas propositadamente nos interstícios do texto.

Em **William Wilson**, o drama da personagem tem início no colégio, num ambiente fechado, e evolui na cidade, onde os estímulos são em grande número e o individualismo é marcante. Se, por um lado, William Wilson se deixa envolver pela ambiência sedutora e perniciosa da cidade, a ponto de ser tragado por ela, por outro lado, Jacobina procura superar sua crise de identidade, assimilando a máscara.

O último encontro entre William Wilson e seu homônimo, na escola, na primeira fase de suas vidas, é significativo e representa uma ruptura. William Wilson, ao se reconhecer nos traços do colega, foi invadido por uma sensação horripilante, como se estivesse diante de um espelho, sentindo-se estranho a si mesmo. A descoberta do outro leva-o a uma crise de identidade.

Esse fato representa, para William Wilson, o desligamento de sua infância e adolescência. A velha escola, com sua arquitetura antiga, sua atmosfera sombria, a rigidez de suas normas e o terror inspirado pelos professores, exerceu influências nocivas na formação psíquica do aluno. A escola, com seus labirintos, simboliza para Poe a mente humana, com insondáveis e misteriosos caminhos, onde se instalam os temores do indivíduo. É a face sombria do homem que Edgard Allan Poe desvenda em seus contos, é essa “presença obscura de Poe, uma latência de Poe” que se encontra, segundo Cortázar (2004, p. 104), “em algum lugar de nossa pessoa”. É esse lado da personalidade de William Wilson que ganha destaque no decorrer do conto, e contra o qual seu duplo tenta lutar.

Reconhecemos, nesse conto de Poe, uma nova vertente narrativa, já mencionada por Santaella (1986), em seu *Estudo Crítico* sobre Edgar Allan Poe: trata-se da novela psicológica. Observamos a viagem interior processada pelo protagonista, que se depara com o outro eu. A luta entre ambos é inevitável, uma vez que o outro pode ser interpretado como a representação da consciência de William Wilson; o protagonista, no entanto, renega o “eu regenerador”.

O conto revela um homem em constante luta entre o Bem e o Mal, até deixar que um deles prevaleça e conduza seu próprio destino. Esse conflito se manifesta logo no início do conto, quando o herói parece se redimir, implorando pela piedade do leitor e desculpando-se por seus atos, atribuindo-os a um “pequeno oásis de fatalidade, num deserto de erros” (POE, 1978, p. 86). Nesse momento do conto, evidencia-se o que Cunha (1998, p. 82-83) chama de “dicotomia psíquica”, isto é, “a manifestação de um homem dividido em duas naturezas, não raro uma angélica e outra satânica”, ocasionando uma verdadeira “luta entre os dois eus”.

O duplo, em **William Wilson** é, portanto, uma outra voz, ao mesmo tempo débil e forte, que sussurra verdades que o narrador não deseja ouvir. A outra voz não é compatível com a sua; num acesso de loucura tenta obrigá-la a se calar e num ato insano, chega à auto-destruição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da análise dos dois contos, conclui-se que é possível um diálogo entre ambos. Verifica-se neles, um questionamento sobre a alma humana, que se processa pela ingerência da voz do outro, manifestada pelo surgimento da imagem especular.

A tensão, presente em ambos os contos, caminha num crescendo, até atingir seu clímax, ou seja, o embate do protagonista com

seu duplo. Segundo Cortázar (2004, p. 231), “a tensão do conto nasceu dessa eliminação fulgurante de idéias intermédias”, pois essa “operação” “não tolerava perda de tempo”. Nos contos analisados, a tensão é gerada pela rapidez com que os acontecimentos se processam, uma vez que o narrador de cada um dos contos consegue transmitir, em poucas páginas, a trajetória do protagonista, de forma breve e racional.

O epílogo, em ambos os contos, não é conclusivo. Um movimento circular faz com que o epílogo remeta ao início do conto, sem apresentar uma solução ao problema. Estamos diante da esfera, da qual nos fala Cortázar (2004, p. 228). É em seu interior que a narrativa nasce e se desenvolve; é “como se o narrador se movesse implicitamente nela, e a levasse à sua extrema tensão”. É assim que esse autor define “a forma fechada do conto”, por ele denominada “esfericidade”. Em seu interior, está contido o essencial do conto, sem intermédios nem digressões, aí colocado de forma condensada.

Machado e Poe deixam seus contos em aberto; o desfecho, em **O espelho** e em **William Wilson**, retorna à epígrafe, procedendo a um movimento espiralado, de volta às origens do conto.

Na obra de ambos os autores, a ambigüidade é um elemento constante. Em **William Wilson**, não se sabe ao certo quem é o duplo. Poe (1986), em sua *Filosofia da Composição*, aponta a sugestividade de sentidos como um procedimento para a elaboração de um conto ou poesia. Essa é uma estratégia do narrador para produzir um efeito no leitor: levá-lo a refletir sobre as questões lançadas, para que ele dê ao conto o sentido que achar mais conveniente. Todorov (2004, p. 78), ao tecer comentários sobre **William Wilson**, ressalta a abertura de sentidos que o conto apresenta:

‘William Wilson’, de Poe [...] é a história de um homem perseguido por seu duplo; é difícil decidir se esse duplo é um ser humano em carne e osso, ou se autor nos propõe uma parábola onde o pretense duplo não é senão uma parte da personalidade, uma espécie de encarnação da consciência. Fala em favor desta segunda interpreta-

ção, em particular, a semelhança totalmente inverossímil dos dois homens: têm o mesmo nome, nasceram na mesma data; entraram para a escola no mesmo dia. [...] A única diferença importante ... está na voz”.

A fragmentação, visível na estrutura dos contos e na composição das personagens, reflete a visão desses escritores acerca do homem, no seu sentido universal, e da sociedade em que estão inseridos. É esse indivíduo dividido entre o eu e o outro, que Edgard Allan Poe e Machado de Assis procuram retratar; essa é também a personagem inacabada que circula pela narrativa de Dostoievski.

Suas narrativas não se limitam a um único ponto de vista em relação a fatos e personagens. Nelas, as aparências enganam; o ser e o parecer estão sempre em conflito. Nada é definitivo, conclusivo; o absoluto para Machado de Assis e Edgard Allan Poe inexistente, confirmando, desta forma, o caráter inesgotável de sua obra.



REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia A.; MARTINS, Maria Helena P.. **Filosofando: introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986.

ASSIS, Machado. O espelho. In: _____. **Papéis avulsos**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1955.

BOSI, Alfredo. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003.

BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Brasília: UnB: José Olympio, 1997.

CADERMATORI, Lígia. **Períodos literários**. São Paulo: Ática, 2003.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto: do conto breve e seus arredores. In: _____. **Valise de Cronópio**. Tradução Davi Arriguci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. **Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos**. Porto Alegre: IEL: Unisinos, 1998.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e Aatoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

KIEFER, Charles. **Borges que amava Estela & outros duplos**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1995.

MURICY, Kátia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu Tempo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

PLATÃO. **O Banquete, ou, Do amor**. Rio de Janeiro. DIFEL, 2002.

POE, Edgar Allan. William Wilson. In: _____. **Histórias extraordinárias**. Tradução Bueno Silveira e outros. São Paulo: Victor Civita. 1978.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: _____. **Ficção completa: poesia**. Rio de Janeiro: Aguilar. 1986.

SANTAELLA, Lúcia. O que em mim sonhou está pensando. In: **CONTOS de Edgard Allan Poe**. São Paulo: Cultrix, 1986.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

A autora é Especialista em Literatura pela PUC-SP e Mestranda em Literatura e Crítica Literária pela mesma instituição.